

A GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO “VTD + SE” NO PORTUGUÊS DO BRASIL

ALEXSANDRA FERREIRA DA SILVA
MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA
(Universidade Federal Fluminense)

ABSTRACT: In this paper we study structures formed by V + SE + SN, which are commonly found in pieces of advertisement. Based on the linguistic functionalism theory, in which linguistic structures are studied in their real context of usage, we have tried to carry out a study of these structures within the textual genre they occur. The paper departs from the hypothesis that the structure V (singular) + SE is connected to a fixed construction that constitutes a communicative model of that genre. Besides this we have taken into account the Construction Grammar's perspective emphasizing the existence of a compositional meaning which is related to the structure V + SE + SN. This meaning would be present in users' subjective knowledge which relies on acquired experience through social interaction.

KEYWORDS: Indetermination; Passivity; Functionalism; Construction; Grammaticalization.

Introdução

Dedicamo-nos, neste artigo, à análise de um tipo de expressão formulaica para a divulgação de produtos e serviços em anúncios no português do Brasil. Referimo-nos mais especificamente aos arranjos formados por V (verbo) + SE (clítico) + SN, considerado como expressão rotinizada para esse tipo de divulgação. Para proceder à análise, partimos de um *corpus* formado por anúncios produzidos pela comunidade estudantil do estado do Rio de Janeiro no português contemporâneo.

Apoiamo-nos em parâmetros funcionalistas, na linha de Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2005), Givón (2001), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Haspelmath (2004), entre outros, bem como em princípios cognitivistas, conforme Goldberg (1995, 2006) e Croft (1990, 2001). Assim orientados, partimos do pressuposto de que o arranjo V + SE + SN constitui processo de gramaticalização, uma vez que se trata de um tipo de construção, uma combinação altamente vinculada do ponto de vista semântico e sintático, em que o significado geral não é dado pela mera soma do significado de cada um de seus constituintes. Consideramos ainda que a

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 4, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, pp. 115-132

construção V + SE + SN é o modo não-marcado da expressão do tipo de divulgação referido, a forma mais freqüente e sistemática dessa função.

Nesse uso, combinam-se motivações metonímicas e metafóricas, que, por pressão de informatividade, concorrem para a fixação combinatória V + SE + SN e sua reinterpretação contextual com um todo de sentido e forma. Dessa forma, rompe-se a barreira entre léxico e gramática, em prol de uma abordagem mais holística do fenômeno em estudo.

Nosso objetivo específico é o de verificar como um grupo de usuários do português do Brasil, os estudantes de duas instituições de ensino do estado do Rio de Janeiro, se comportam linguisticamente ao serem instados a produzir anúncios. O intuito é investigar se, de fato, em sua maioria, independentemente do perfil de cada escola ou turma, há tendência, bastante generalizada, de uso da construção V + SE + SN. Esse grupo, de acordo com nosso entendimento, constitui a pequena amostra de um padrão generalizado de ocorrência.

Os resultados aqui apresentados e discutidos inserem-se no conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*¹ – UFF, comunidade acadêmica dedicada ao levantamento, à descrição e à análise interpretativa dos usos do português do Brasil, fundada nos anos 90 do século XX. Esses resultados fazem parte também do estudo maior de Ferreira da Silva (2009).

O presente artigo distribui-se em cinco seções. Na primeira, dedicamo-nos à apresentação dos fundamentos teóricos que embasam a análise – os relativos ao funcionalismo de orientação norte-americana e ao cognitivismo. Na segunda seção, tratamos mais especificamente da descrição de nosso objeto de pesquisa, a construção V + SE + SN. A terceira seção apresenta a metodologia usada para a coleta e o tratamento dos dados. Na quarta seção, procedemos à análise dos anúncios produzidos pela comunidade estudantil brasileira, em termos da freqüência e do tipo de ocorrência da construção V + SE + SN, discutindo ainda acerca da gramaticalização aí verificada. Por fim, na quinta seção, fazemos um comentário final com base nos resultados alcançados e nas perspectivas em relação a novas incursões na pesquisa fundamentada na interface funcionalismo x cognitivismo.

1. Pressupostos teóricos

Esta seção destina-se à apresentação do arcabouço teórico utilizado como subsídio para análise das construções em estudo. Trabalhamos a partir da combinação de duas vertentes, com base no funcionalismo lingüístico e em pressupostos do cognitivismo. Tal procedimento se justifica uma vez que procuramos analisar as construções com clítico SE como um todo, um tipo de pareamento entre função e forma, considerando não só aspectos estrutu-

¹ Para mais informações sobre o Grupo *Discurso & Gramática*, consulte-se o site www.discursogramatica.letas.ufrj.br

rais como também o propósito comunicativo, os participantes e o contexto discursivo de sua ocorrência.

1.1. A concepção funcionalista de linguagem

A teoria funcionalista analisa a linguagem em seu contexto efetivo de uso, ou seja, concebe-a como um instrumento utilizado pelos interlocutores com a finalidade de interação social (Traugott e Dasher, 2005). Sendo assim, a língua não é vista como uma unidade em si mesma, ao contrário, ela serve aos interesses dos indivíduos em suas práticas interacionais cotidianas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a investigação lingüística está voltada para a situação comunicativa, espaço contextual em que podem ser detectadas as motivações para os atos de fala e em que as palavras e frases, de fato, assumem sentido mais efetivo. Assim, prioriza-se a análise da estrutura como elemento que serve a funções cognitivas e comunicativas em detrimento de uma abordagem puramente no nível gramatical.

A estrutura gramatical é vista, portanto, como um sistema parcialmente maleável, em que se combinam padrões mais estáveis ou arbitrários e outros mais motivados ou icônicos nos usos lingüísticos. Esses usos vão concorrer para a configuração das estruturas, que, por sua vez, apresentam mudança ou variação. Sob a ótica funcionalista, as categorias não são discretas, elas apresentam um eixo central prototípico, que é acompanhado por margens; as fronteiras entre as categorias não são rigidamente estabelecidas, conforme Taylor (1995). Os fenômenos lingüísticos resultam, assim, de um quadro pragmático, dentro do qual a semântica e a sintaxe têm papel fundamental também.

Essa questão remete-nos a um debate antigo sobre a origem e o desenvolvimento das categorias gramaticais. No âmbito da lingüística funcionalista, as categorias são tratadas em termos de regularidade dos usos lingüísticos sob a ótica da *gramaticalização* (Haspelmath, 2004). Trata-se de um processo que diz respeito à regularização de usos lingüísticos, analisando os possíveis caminhos pelos quais as formas gramaticais perpassam, sem alocar os fenômenos em categorias estanques.

De uma forma geral, a gramaticalização é um fenômeno relacionado à mudança lingüística que implica mudança categorial ou perda de fronteiras entre categorias (Heine e Kuteva, 2007). Estuda-se o processo pelo qual diversos usos da língua sofrem transformações, cedendo a pressões de informatividade. Tais pressões se referem à maneira como os interlocutores constroem os discursos para alcançar suas intenções comunicativas, que, de uma forma ou de outra, exercem influência sobre determinados usos lingüísticos, podendo derivar em gramaticalização.

Algumas trajetórias dos itens que sofrem gramaticalização partem do discurso, contexto em que tais itens vão se regularizando através do uso, até converterem-se em norma. Os itens que são submetidos a este processo sofrem transformações inicialmente semânticas, motivando sua polissemia, e percorrem um contínuo de mudanças que podem atingir o nível fonético, conforme Heine e Kuteva (2007).

Destaca-se que as mudanças semânticas que ocorrem em processos de gramaticalização são fortemente motivadas por processos metafóricos e metonímicos. Tais mecanismos atuam de maneira cognitiva e pragmática, por meio de transferências conceptuais que favorecem reinterpretações de fenômenos lingüísticos, induzidas pelo contexto. Assim, a metáfora, que diz respeito a uma transferência conceptual, aproxima domínios cognitivos diferentes e a metonímia é responsável pela reinterpretação dos fenômenos dentro de um determinado contexto. Nas palavras de Martelotta *et al.* (1996: 54):

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança ou mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

Vale destacar, neste sentido, que os domínios da experiência atuam também nas relações lingüísticas contextuais, como é o caso da metonímia, que, aliada aos mecanismos metafóricos, estabelece relações de sentido a partir de características particulares. A metonímia, neste caso, suscita processos cognitivos que vão além das nossas experiências mais concretas. Trata-se da mudança que determinadas formas sofrem devido a uma relação de contigüidade com outras em função do contexto. Tais mudanças possibilitam a releitura de formas ou construções constituindo novos sentidos. A contigüidade metonímica, em muitos casos, induz a uma reinterpretação mediante reanálise, que reorganiza estruturas de um dado enunciado para atingir determinadas metas comunicativas.

Estudos mais recentes sobre mudança semântico-sintática, como os de Traugott e Dasher (2005), redimensionam o papel da metonímia na gramaticalização, considerando as relações metonímicas como fundamentais para a reinterpretação do sentido e da forma nos usos lingüísticos. De acordo com esses estudos, a metáfora passa a ser vista como consequência de pressões metonímicas. Valorizam-se as relações combinatórias entre os constituintes em sua ordem linear, com destaque para os fenômenos de derivação semântico-sintática verificados no conjunto dos elementos da estrutura, e não nesses elementos tomados isoladamente.

É importante observar ainda que, na perspectiva funcionalista, o falante não formula arbitrariamente seqüência de sons para criação de novos rótulos. Há uma forte tendência em utilizar aquilo que já existe na língua, estendendo o sentido de palavras ou expressões para alcançar diferentes propósitos comunicativos. Os usos lingüísticos seguem as motivações cognitivas e comunicativas, estruturando-se numa correlação natural icônica entre forma e função. Desta forma, uma maneira adequada para compreender a teoria da lingüística funcional seria pensar a língua como um sistema não-arbitrário, em que princípios icônicos interagem com princípios mais simbólicos na construção de sentidos.

No quadro funcionalista defende-se a idéia de que “*a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo (na maior parte das visões funcionalistas) a perspectiva imposta pelo falante.*” (Croft, 1990: 164) Neste sentido, à estruturação linguística estão relacionadas propriedades de conceitualização humana, de base experiencial, numa relação icônica. Segundo Neves (2004: 103), a iconicidade

é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*.

O filósofo Pierce distinguiu dois tipos de iconicidade: uma imagética e outra diagramática, ambas importantes para o estudo funcionalista de linguagem. A primeira delas está relacionada a uma semelhança entre um item e seu referente, com relação a uma dada característica. Trata-se, por exemplo, de fenômenos metafóricos, que seriam de natureza icônica, uma vez que sua realização depende de experiência, cultura, maturação e letramento. Já a iconicidade diagramática, que neste artigo mais nos interessa, diz respeito a um arranjo icônico de signos, sob um tipo de convenção entre forma e conteúdo na base de três subprincípios (Givón, 2001): da *quantidade*, que se refere a uma relação icônica entre quantidade de informação e quantidade de forma, da *proximidade*, que diz respeito a integração entre os elementos oracionais como dependente da intenção comunicativa dos falantes e da *ordenação linear*, que prevê a ordem estabelecida pelos falantes no momento da enunciação como sendo correspondente a uma ordenação linear em termos de importância. A iconicidade diagramática diz respeito a um fenômeno mais metonímico.

1.2. A perspectiva construcional

O funcionalismo vem integrando cada vez mais aos estudos sobre gramaticalização a proposta de abordagem construcional. A esse respeito, ratificamos a declaração de Bybee (2003), para quem a definição clássica de gramaticalização, que se limita à passagem do nível lexical para o gramatical ou do menos para o mais gramatical, não é suficiente para dar conta dos fenômenos de mudança linguística de modo mais efetivo. De acordo com a autora, é mais razoável a proposição de que é uma determinada construção, formada por itens lexicais específicos, que se gramaticaliza do que considerar que a gramaticalização se processa item por item, de forma isolada.

Essa ampliação de foco dos estudos sobre mudança gramatical, com a valorização da dimensão metonímica, do papel fundamental das relações associativas dos constituintes numa estrutura, enseja a incorporação de pressupostos cognitivistas na pesquisa de cunho funcionalista que aqui propomos. Nesse sentido, para dar conta de nosso objeto de pesquisa, integramos

ao arcabouço teórico funcionalista a abordagem construcional, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001).

Os anúncios que investigamos neste artigo apresentam um padrão linguístico recorrente, que se sintetiza na formulação V + SE + SN. Concebemos essa formulação como um tipo de construção, nos termos de Goldberg (1995; 2006). Para a autora (Goldberg, 1995: 6), as construções são as *unidades básicas* da língua. Em outros termos, as interações não se dão a partir de itens isolados, o sentido não é atomizado, mas sim resultante das combinações de sentido e de expressão, das associações de termos em distintos níveis na gramática das línguas.

Nessa perspectiva, não se admite distinção clara entre léxico e sintaxe, ou entre o léxico e o restante dos demais níveis gramaticais. De acordo com a mesma autora (Goldberg, 2006: 5), todos os níveis da gramática envolvem construções, ou unidades linguísticas complexas, que são sistematizadas na comunidade linguística e ficam à disposição dos usuários. Com base nessa concepção, entendemos o recorrente arranjo V + SE + SN, como em *amola-se facas* ou *vende-se casa*, como um tipo de construção disponível no português para determinados propósitos comunicativos, como a divulgação e a venda de produtos e serviços, respectivamente.

Essa construção configura-se como uma seqüência convencional de palavras que admite pouca ou nenhuma variação, ocorrendo na interação linguística como uma unidade cristalizada. Via de regra, os significados das construções geralmente são reservados na memória em função da automação de seu uso, já que há grande recorrência dessas estruturas no discurso. De acordo com essa perspectiva, tais significados estão disponíveis na memória por apresentarem alguma relação de sentido com uma semântica de *frames* (Goldberg, 1995)², ou seja, uma categoria de sentidos relacionados ou modelos cognitivos básicos, de acordo com a concepção de Fillmore (1988).

2. A construção V + SE + SN e a noção de indeterminação

Destaca-se, inicialmente, que existe uma recorrência notória, no uso do português contemporâneo do Brasil, de estruturas compostas por verbo no singular e clítico SE acompanhados de SN, mais especificamente no contexto de anúncio. O uso dessas construções com verbos apropriados aos casos de indeterminação do sujeito é comum neste tipo de gênero e codifica uma cena que é básica aos falantes: através dessa estrutura ressalta-se a cena da prestação de um serviço ou comercialização de um produto, enfatizando a ação proposta pelo verbo em detrimento da pessoa que realiza ou realizará essa ação.

² GOLDBERG (1995) menciona o termo “semântica de *frames*” associando-o a um tipo de semântica relacionado ao significado da construção. O termo refere-se a uma família de significados coletivamente construídos, que pertence ao conhecimento intersubjetivo dos falantes de uma maneira geral.

No entanto, essas construções são alocadas pela orientação tradicional (Bechara, 2004; Cunha & Cintra, 2001) em categorias discretas, precisamente delimitadas, com base em critérios formais de análise, que levam em consideração somente fatores de natureza estritamente gramatical. Segundo a tradição gramatical, as construções em que o V é um transitivo direto (VTD) são casos característicos de voz passiva, enquanto arranjos com verbos de quaisquer outras predicções são analisadas como casos de indeterminação do sujeito.

Embora prevaleça tal orientação normativa, podemos observar nos letreiros e tabuletas afixados pelas ruas do Brasil a ocorrência indiscriminada de tais construções. O falante não faz a distinção entre predicções verbais e generaliza o uso de diferentes construções com o clítico SE – do ponto de vista formal – em função de um único propósito comunicativo. Postulamos que o objetivo dessas construções em anúncios seja chamar a atenção para as ações que são realizadas, sem especificar o agente, ou seja, indeterminando-o. Não se verifica nesses casos a noção de passividade. São construções do tipo: “Necessita-se de lojas para alugar” ou “Procura-se lojas para alugar”.

De acordo com a abordagem funcionalista, é possível analisar os dois casos segundo a assunção de que as categorias não são discretas e as margens devem ser consideradas. No primeiro caso ilustrado no parágrafo anterior, há indeterminação prototípica do sujeito. Como se trata de um uso bastante recorrente, por analogia, o falante acaba generalizando e utiliza construções com verbos transitivos diretos com o mesmo propósito. Uma das motivações para tal generalização encontra-se no pressuposto de que a idéia de passividade não é considerada pelo usuário em tais construções.

Heine (1994: 255-87) assinala que a emergência de estruturas lingüísticas é proveniente de processos cognitivos básicos, por meio dos quais conceitos gramaticais são expressos em função de experiências humanas básicas. Do mesmo modo, Goldberg (1995) levanta a hipótese de que as construções correspondam a tipos de eventos básicos que são reconhecidos pela experiência humana. Assim, podemos dizer que as estruturas V + SE + SN estão diretamente ligadas ao contexto pragmático discursivo.

Desta forma, é possível perceber que as construções com o clítico SE são amplamente utilizadas no contexto de anúncio com fins de ressaltar as ações em detrimento de seus agentes, ou seja, casos de indeterminação. Com base nessa experiência, o falante amplia a utilização de tais construções com os VTD, através de uma reanálise metonímica, conferindo a esse tipo de uso a marca da indeterminação. O falante, com sua experiência lingüística, efetiva a devida correspondência entre a estrutura V + SE + SN, independentemente de predicção, e o contexto lingüístico-pragmático de anúncios.

Logo, VTD passa a ser mais um membro desse tipo de construção, que se mostra como uma espécie de linguagem formulaica³ (Posner, 1997). Esse verbo comporta-se como constituinte típico deste contexto gramatical, man-

³ A “linguagem formulaica”, segundo Posner (1997), é própria de gêneros específicos, como por exemplo, ‘*era uma vez*’, em contos de fada.

tendo-se no singular, numa construção fixa. As construções, por serem fixas e próprias de um gênero, selecionam seus argumentos de maneira pragmática, fato que justifica a postulação de um sujeito pragmaticamente indeterminado e um objeto, que geralmente é afetado por esse sujeito, em construções com o clítico SE. Em outras palavras, os papéis argumentais selecionados pela construção irão salientar noções semanticamente importantes no contexto. Destaca-se, portanto, que o VTD passa a fazer parte de uma construção, ou seja, de um modelo esquemático específico, compartilhado pelos interlocutores, cujos aspectos formais e semânticos não estão previstos por seus elementos individualmente presentes, e sim como um todo indivisível, que não admite variação.

3. Metodologia

Como esse trabalho analisa a estrutura $V + SE + SN$ em contextos de uso, selecionamos um gênero textual em que tal estrutura é recorrente – anúncios – para que, à luz da teoria funcional, pudéssemos analisar os fatores discursivo-pragmáticos envolvidos na motivação de tal construção. Para tanto, procedemos a uma pesquisa de campo através de anúncios formulados por alunos de Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro, oriundos de dois colégios distintos.

3.1. Constituição do *corpus*

Com o propósito de analisarmos as construções com o clítico SE em contexto real, solicitamos a alunos do Ensino Médio de escolas diferentes – Ciep 087 e Colégio Pedro II – para que construíssem anúncios. Participaram da pesquisa 61 alunos do Ciep 087, localizado no município de Duque de Caxias, bairro Pantanal, (19 alunos do 1º ano, 21 alunos do 2º ano e 21 alunos do 3º ano) e 79 alunos do Colégio Pedro II, localizado no município de Niterói, Barreto (29 alunos do 1º ano, 27 alunos do 2º ano e 23 alunos do 3º ano). Selecionamos tais colégios, de diferentes bairros, cultura e vivência, a fim de registrar possíveis diferenças no uso de construções com o clítico decorrentes da experiência.

Quanto à abordagem, procedemos da seguinte forma: pedimos para que cada um dos alunos elaborasse dois anúncios, sem especificar forma para fazê-los. Os alunos deveriam elaborá-los da maneira que considerassem melhor, porém deveriam utilizar verbos previamente selecionados na proposta que receberiam. Deixamos os alunos livres para escolherem a forma de anunciar a fim de que pudéssemos verificar a recorrência das construções com o clítico SE neste contexto específico, porém selecionamos os verbos para garantir que fossem utilizadas diferentes predicções.

Cada aluno recebia uma proposta de trabalho na qual estavam selecionados dois verbos. Um deles era um verbo transitivo direto prototípico e o outro era prototípico de outra predicção. Os verbos selecionados foram aqueles possíveis de serem encontrados em contexto de anúncio. No total

foram cinco propostas de anúncios com cinco diferentes grupos de verbos, como consta abaixo, distribuídos aleatoriamente para cada um dos alunos:

1) Formule dois anúncios utilizando os verbos vender e necessitar (use um verbo em cada anúncio):
2) Formule dois anúncios utilizando os verbos alugar e continuar (use um verbo em cada anúncio):
3) Formule dois anúncios utilizando os verbos comprar e trabalhar (use um verbo em cada anúncio):
4) Formule dois anúncios utilizando os verbos amolar e precisar (use um verbo em cada anúncio):
5) Formule dois anúncios utilizando os verbos procurar e permanecer (use um verbo em cada anúncio):

Quadro 1: Representação das propostas de anúncios, distribuídas entre os alunos.

Desse modo, os alunos escreviam um anúncio com cada verbo selecionado, num total de dois anúncios por estudante. Os alunos estavam divididos por ano de escolaridade.

Constituímos um *corpus* formado por 276 anúncios. Desse quantitativo, 120 anúncios foram produzidos pelos alunos do Ciep 087 e 156 produzidos pelos alunos do Colégio Pedro II. Foram construídos mais anúncios no Pedro II, visto que a abordagem era feita por turma e nesse colégio as turmas eram maiores.

Como não estipulamos forma para que os alunos elaborassem os anúncios, buscamos compor um *corpus* que retratasse, de maneira geral, o modo como os anúncios são construídos. Assim, apesar de termos nossa análise nas construções com clítico SE, o *corpus* inicial constitui-se de anúncios diferentes, que foram divididos em cinco grupos:

1) anúncios com **VERBO (SINGULAR) + SE + SN NO PLURAL**. Ex.: Precisa-se de empregadas/ *Aluga-se apartamentos;

2) anúncios com **VERBO (SINGULAR) + SE + SN NO SINGULAR**. Ex.: Precisa-se de empregada/ Aluga-se apartamento;

3) anúncios com **VERBO (PLURAL) + SE + SN NO PLURAL**. Ex.: Alugam-se apartamentos;

4) anúncios com **VERBO + SE + SINTAGMA DIFERENTE DE SN**. Ex.: Trabalha-se muito aqui;

5) anúncios **SEM A UTILIZAÇÃO DO CLÍTICO SE**. Ex.: Venha trabalhar conosco!

Pode-se perceber, portanto, que o *corpus* constitui-se de anúncios de padrões estruturais variados. Focamos nossa análise nos anúncios com a construção V + SE + SN, que são investigados de acordo não somente com seus aspectos formais, como o faz a tradição gramatical, como também e principalmente, através da análise de fatores discursivo-pragmáticos.

3.2. Procedimentos de análise

Quanto aos procedimentos de análise, inicialmente ressaltamos alguns dados gerais do *corpus*, destacando determinados padrões de ocorrência e frequência dos anúncios construídos com o clítico SE. Em seguida, analisamos os resultados e os comentamos e discutimos à luz da perspectiva teórica funcionalista, atentando para a possibilidade de gramaticalização da construção V + SE + SN.

4. Anúncios elaborados pelos estudantes brasileiros

Conforme declaramos os estudantes elaboraram anúncios de formas variadas. No entanto, detivemos nossa análise nos anúncios constituídos por verbo e clítico SE, objeto de investigação neste artigo.

4.1. Padrões de frequência e ocorrência

Considerando os dados de uma maneira geral, convém salientar que obtivemos um quantitativo significativo de anúncios construídos com o clítico SE. Apesar de não estipularmos previamente uma forma para que os alunos elaborassem os próprios anúncios, em ambos os colégios a construção em questão apresentou-se bastante recorrente, sendo a mais utilizada em detrimento de quaisquer outras formas.

Ressalta-se, portanto, que dos 276 anúncios produzidos pelos alunos, 186 abordaram a estrutura V + SE + SN. Dividindo os dados de acordo com as escolas, têm-se os seguintes resultados: dos 120 anúncios construídos pelos alunos do Ciep 087, 91, que correspondem a 75,8% do total, foram feitos com a utilização do clítico SE. No Colégio Pedro II, a porcentagem de anúncios construídos com o clítico foi um pouco menor em relação aos produzidos no Ciep, mas tais construções também representam a maioria dos anúncios. Foram 156 anúncios no total e 95 construídos com V + SE, que correspondem a 60,9%. A construção mostrou-se bastante utilizada. Seguem abaixo os gráficos representativos de tais informações:

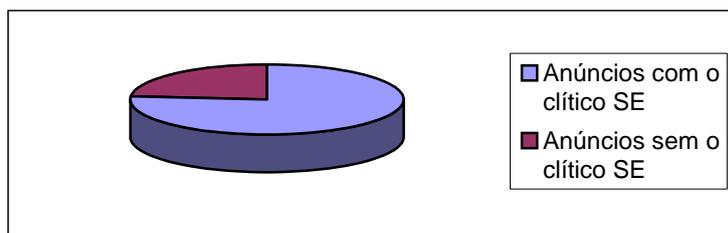


Gráfico I: Distribuição dos anúncios produzidos pelos alunos do Ciep 087.

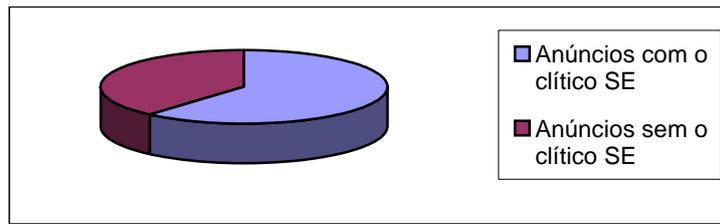


Gráfico II: Distribuição dos anúncios produzidos pelos alunos do Colégio Pedro II.

Diante desses dados, é possível afirmar que a estrutura com o clítico SE constitui um modelo comunicativo padrão no gênero analisado – anúncios. Os referidos dados mostram que a construção *V + SE + SN* é recorrente e regular, portanto, prototípica para esse tipo de gênero textual. Os falantes reconhecem nesse tipo de estrutura uma forma funcional para atingir aos propósitos comunicativos de um anúncio. O uso generalizado ou não-marcado desse tipo de construção contempla as funções comunicativas e cognitivas presentes no conhecimento intersubjetivo dos participantes do discurso, configurando um uso gramatical recorrente.

No *corpus*, foram encontrados anúncios com a utilização do clítico SE com todos os verbos envolvidos na pesquisa, como ilustramos a seguir. Há casos sem concordância, com concordância aparente e pouquíssimos casos com concordância efetiva, como será especificado mais adiante. Apresentamos abaixo alguns exemplos⁴, que privilegiam os casos em que não houve concordância (no caso dos VTDs), segundo a tradição gramatical:

- (01) “*Vende-se* carros.” (Ciep 087 – 3º ano)
- (02) “*Necessita-se* de materiais de construção.” (Ciep 087 – 3º ano)
- (03) “*Aluga-se* automóveis: Astra – R\$ 5,00/ km, (New) Civic – R\$ 6,00/ km (...) Não cobrimos combustível ou manutenção. Cobrimos IPVA.” (Pedro II – 2º ano)
- (04) “*Continua-se* inscrições para cursos de informática.” (Ciep 087 – 1º ano)
- (05) “*Compra-se* jóias em bom estado: ouro, prata e bronze. Algum interesse ligar para o número (11) 3333-3333 ou no site www.joiasalves.com.br.” (Pedro II – 1º ano)
- (06) “*Trabalha-se* como empresário de atores. Consigo convites para lugares bem frequentados, testes para novelas e filmes (...) Falar com Charlie.” (Pedro II – 1º ano)
- (07) “*Amola-se* alicates.” (Ciep 087 – 1º ano)
- (08) “*Precisa-se* de roupas, alimentos e atenção. Ajude a casa de deficientes “Atenção pela vida” a passar por este momento desagradável.” (Pedro II – 1º ano)

⁴ Todos os exemplos que apresentaremos no decorrer da análise são extraídos do *corpus* e transcritos exatamente como os alunos os escreveram.

- (09) “*Procura-se pessoas experientes em adestramento de cães.*” (Pedro II – 1º ano)
- (10) “*Permanecem-se sem trabalhar.*” (Ciep 087 – 3º ano)

Nota-se que em quase todos os casos apresentados, com exceção de (10), os verbos mantêm-se no singular. Optamos por retratar nesses exemplos os fragmentos em que os verbos não estão flexionados em número, pois essa composição representa a maioria dos anúncios que constituem o *corpus*. Foram raros os casos em que os alunos utilizaram a estrutura com o verbo no plural.

Desta maneira, pode-se dizer que o uso recorrente da forma V + SE + SN leva a uma integração da estrutura, tornando-a uma espécie de construção fixa, praticamente um modelo ou uma “linguagem formulaica” (Posner, 1997), que atende às necessidades comunicativas quando se trata de anúncio. É como se a construção representasse um significado que já está tão mentalmente integrado no referido contexto, que é disposta no nível da codificação, como uma construção também sintaticamente integrada, fato que justifica o uso raro de verbos flexionados em número. Manifesta-se assim, o sub-princípio icônico da proximidade ou integração, proposto por Givón (2001), que diz respeito à integração dos constituintes dispostos na oração, de acordo com uma integração cognitiva anterior.

Sendo assim, analisamos a estrutura V + SE + SN como uma construção, ou seja, um todo integrado, que pode estar sendo utilizada como uma forma de retratar um evento que é básico na experiência humana. É como se tal construção ativasse na mente do falante a cena de um serviço qualquer oferecido por alguém num tipo de relação comercial. A construção corresponde a uma cena qualquer e comum no gênero (anúncio). Isso acontece pois se trata de uma estrutura simples, não-marcada, que reflete um esquema cognitivo igualmente simples, fato que justifica a grande frequência da construção neste contexto específico.

Em relação às construções com o clítico SE, pode-se dizer que o falante reconhece nas estruturas prototípicas de indeterminação do sujeito a codificação de uma cena básica na experiência. E como a linguagem é um meio através do qual codificamos lingüisticamente nossa experiência, é justificável que a estrutura argumental com verbo transitivo direto seja utilizada também para indeterminar o sujeito. A estrutura canônica, prototípica de indeterminação, acaba se tornando ponto de partida para a utilização de construções com VTD com o mesmo propósito.

Verifica-se, portanto, a existência de um sentido fonte – as construções prototípicas de indeterminação – que tem seu uso estendido por meio de uma transferência metafórica bem sucedida às construções com VTD. Há a aproximação de domínios cognitivos distintos através de uma analogia. Tal acontece em função de nossa própria experiência: as ações no mundo nos permitem apreender esquemas imagéticos que dão significado às expressões lingüísticas. Assim, as experiências vão desenhando a linguagem e aprendemos a moldar nossos textos a formas já conhecidas. Ajustamos, portanto, as cons-

truções ditas passivas sintéticas aos casos prototípicos de indeterminação do sujeito.

Desta forma, o postulado apresentado nas gramáticas tradicionais a respeito da existência da voz passiva sintética apresenta uma análise que não é licenciada pelos usuários da língua. Primeiro, há ausência de uma noção de passividade nas construções com V + SE + SN. Ademais, considerar tal construção passiva devido a uma suposta equivalência entre vozes “passivas” sintética e analítica também constitui uma questão não considerada pelo falante, pois essa equivalência não existe em todos os casos: o enunciado “*Aluga-se esta casa*”, por exemplo, não apresenta a mesma interpretação semântica de “*Esta casa é alugada*”. O falante não considera o sintagma posposto ao verbo como um sujeito e, por isso, não realiza a concordância. Comparem-se os exemplos abaixo, retirados de nosso *corpus*:

- (11) “*Precisa-se de mulheres para trabalhar na recepção da loja Mr. Cat. Informações ligar para o telefone 26222-5051.*” (Colégio Pedro II – 1º ano)
- (12) “*Procura-se profissionais da área de comunicação e propaganda, que estejam dispostos a trabalhar no sul do país (...). Inscreva-se pelo site (...).*” (Pedro II – 1º ano)

Nos dois casos os verbos mantiveram-se no singular. Ambas as construções são interpretadas da mesma forma pelo falante: há alguém que precisa de ou procura pessoas para exercerem algum cargo. Entretanto, de acordo com a tradição gramatical, em (11) admite-se a presença de um sujeito indeterminado, uma vez que o verbo é transitivo indireto, enquanto em (12) “*profissionais da área de comunicação e propaganda*” deve ser considerado sujeito. Na verdade, o raciocínio não difere e a natureza do sintagma também não. Apesar de o complemento posposto ao verbo ser representado por seres animados, que têm vontade própria, podendo exercer manipulação, tais sintagmas são considerados complementos verbais, ou seja, argumentos. São analisados como parte da predicação verbal. O sujeito, nesses casos, manifesta-se em quem precisa e quem procura, respectivamente, os quais, através das construções acima, são indeterminados. Essa idéia torna-se mais forte ainda quando o sintagma posposto ao verbo é representado por um ser inanimado, como no exemplo abaixo, também extraído do *corpus* da pesquisa:

- (13) “*Compra-se coisas usadas.*” (Ciep 087 – 1º ano)

Nesse caso o sintagma “*coisas usadas*” se assemelha mais a um objeto, visto que é inanimado, ou seja, não apresenta poder de manipulação. De maneira geral, verifica-se que a construção V + SE + SN codifica uma cena que representa a realização de uma ação executada por alguém – que não interessa saber quem é – sobre um objeto, que é afetado.

Neste sentido, vale salientar algumas considerações acerca da transitividade verbal, como propostas por Hopper & Thompson (1980). Em uma aná-

lise da transitividade como um fenômeno discursivo, pode-se dizer que há a presença de dois participantes na estrutura com clítico SE. Um desses participantes é o SN posposto à estrutura, interpretado pelo usuário como o objeto da ação verbal, que pode ser transformado. O fato de esse objeto poder ser transformado implica a presença de outro participante discursivo: o sujeito/ agente, que, embora não constitua o foco da informação, existe no enunciado. Trata-se de um sujeito pragmático que, mesmo sendo irrelevante ou pressuposto dentro da situação comunicativa, não é descartado no enunciado; é apenas desfocado e constitui-se um participante discursivo da construção, já que é ele quem vai modificar/ transformar, enfim, “afetar” o objeto. Esse sujeito/ agente manifesta-se naquele que anuncia, sendo pragmaticamente existente no contexto.

Defendemos neste trabalho a idéia de que haja uma relação icônica entre pensamento e estrutura lingüística. Assim, considera-se que exista na construção V + SE + SN uma proximidade semântica e sintática, que faz da estrutura uma construção integrada. A construção reflete uma cena, cujos participantes estão presentes no conhecimento compartilhado dos falantes e independem de predicação verbal. Como já destacamos anteriormente, a indeterminação com o clítico é bastante recorrente. Com isso, é possível perceber uma reanálise metonímica da referida construção pelos usuários, que passam a utilizá-la com o propósito de ressaltar ações ou fatos, indeterminando o sujeito.

A reanálise acontece na medida em que há reinterpretação dos itens que compõem a estrutura, possibilitando mudanças geradas no contexto semântico-sintático. Essas mudanças, no que se refere às construções com o clítico SE, acontecem na medida em que operam transformações no modo de analisar a estrutura, levando a uma leitura de construção, sem haver, portanto, necessidade de concordância entre o verbo e o sintagma posterior a ele. Em outras palavras, os elementos composicionais V, SE e SN deixam de ser lidos isoladamente e passam a fazer parte de um todo integrado.

Neste sentido, é importante destacar que as construções com o clítico SE representam modelos de se expressar em situações de anúncios. Tais modelos são socialmente construídos e independem de nossa vontade sobre como são representados. No caso das construções de estrutura argumental, elas selecionam seus participantes e especificam de que forma os verbos estarão integrados na construção (Goldberg, 1995; 2006). Quanto ao nosso objeto de estudo, pode-se dizer que a construção V + SE + SN seleciona seus participantes ou argumentos de maneira pragmática. Assim, os argumentos da construção se constituem de um objeto (SN), que geralmente é afetado pela ação proposta pelo verbo; e de um agente/ sujeito, pressuposto na situação comunicativa, que é responsável pela ação.

Desta maneira, os participantes da construção de estrutura argumental não serão exatamente os mesmos da valência de um verbo, quando utilizado fora da construção. Os participantes da construção irão salientar noções semanticamente importantes para o contexto discursivo. Assim, quando acontece a reanálise das construções ditas passivas sintéticas, o VTD passa a

fazer parte de um arranjo integrado, salientando noções pragmaticamente importantes dentro do contexto de anúncio. Esse constituinte passa a ser membro de uma construção fixa, cuja seleção de argumentos é contextual.

Sendo o VTD membro dessa construção, ele se comporta como um verbo típico desse contexto gramatical, ajustando-se à estrutura. Assim, os papéis selecionados pelo verbo dão lugar aos papéis argumentais da construção e não há mais a necessidade de concordância do verbo com o SN posterior. Os papéis argumentais selecionados para esse tipo de construção não exigem essa concordância. A construção socialmente construída, que atende aos propósitos de anúncios, é composta por verbo na terceira pessoa do singular, mais clítico SE, seguido de SN. Desta forma, constata-se que a construção dita passiva sintética não é mais reconhecida pelos usuários da língua neste contexto sócio-pragmático.

4.3. Gramaticalização da construção VTD + SE

Através da análise dos dados foi possível constatar que não só a comunidade estudantil do Rio de Janeiro como os usuários do português do Brasil, de um modo geral, entendem a construção V + SE + SN como uma estrutura de voz ativa. Sendo assim, de acordo com a sua função pragmática, estão presentes nessa estrutura dois participantes discursivos: o sujeito/ agente, que aparece desfocado e o objeto, que geralmente é afetado pelo agente. Ressalta-se ainda que esse sujeito é entendido como indeterminado, uma vez que se encontra presente no contexto pragmático, mas não é evidente na estrutura.

Verifica-se, desse modo, que a noção de indeterminação se sobrepõe à noção de passividade, que, por sua vez, não é reconhecida pelos usuários da língua em construções com o clítico SE. A estrutura VTD + SE, neste sentido, sofre um processo de reanálise metonímica em função da relação de contigüidade com a estrutura canônica de indeterminação do sujeito.

Neste sentido, destaca-se que as mudanças sofridas nesse ambiente morfossintático são resultantes de pressões de informatividade. Há a extensão do uso das estruturas canônicas de indeterminação às estruturas com VTD, através da eliminação de fronteiras entre si. Com isso, o significado da estrutura V + SE + SN passa a fazer parte de outro contexto semântico-pragmático, atendendo às necessidades comunicativas daquele contexto.

À medida que as construções com o clítico SE passam a ser interpretadas como um todo integrado, começam a ser entendidas como uma expressão cristalizada, própria do contexto em que ocorrem. Desta forma, há a fixação do uso dessas construções, que não permitem variações, mostrando-se cada vez mais recorrentes. No caso de anúncios, trata-se da cena da comercialização de um produto ou da prestação de um serviço. É como se a construção constituísse uma espécie de modelo de linguagem no gênero.

Sendo assim, no âmbito de nossa análise funcionalista, compreendemos a estrutura em análise como um todo integrado, ou seja, como uma construção cristalizada, que apresenta caráter icônico entre esquemas cognitivos básicos e a estrutura lingüística. Observamos que nosso objeto de pesquisa

passa a ocorrer de forma estável em anúncios, fato que torna possível sua inserção no nível gramatical, via gramaticalização:

De acordo com o paradigma de gramaticalização (Martelotta *et al.*, 1996; Givón, 1995; Heine *et al.*, 1991) à medida que ocorre a generalização de um determinado uso lingüístico, há tendência de que o mesmo passe do âmbito do discurso, em que há liberdade de escolha, para o nível da gramática, em que se verifica sua fixação, diminuindo ou mesmo cessando a possibilidade de variação com outra(s) forma(s).

Votre e Oliveira (2001: 132)

Desse modo, verificamos no decorrer deste trabalho que a construção V + SE + SN é interpretada como um fenômeno que ocorre de forma assente e sólida, circulando como uma construção gramatical fixa no gênero anúncio, de modo mais estável. A generalização dessa estrutura independente de predicação verbal, permite que possamos interpretá-la como processo de gramaticalização, uma vez que temos a fixação de determinado padrão semântico-sintático que orienta a expressão de um domínio funcional, como a indeterminação, destituindo seus constituintes de marcas prototípicas da categoria fonte.

5. Comentário final

Os dados e resultados que apresentamos nas seções anteriores permitem concluir que, realmente, a construção V + SE + SN é muito produtiva e recorrente na elaboração de anúncios por parte de estudantes brasileiros. Essa condição de estrutura não-marcada está vinculada ao sentido de indeterminação agentiva que caracteriza tal gênero, na focalização do que realmente interessa à comunidade lingüística: o que se vende ou divulga.

Outra conclusão a que podemos chegar é o efeito promissor da compatibilização entre duas linhas teóricas distintas – o funcionalismo e o cognitivismo, para a análise mais eficiente e holística dos fenômenos lingüísticos. A perspectiva da gramaticalização e a abordagem construcional, respectivamente, mostraram-se compatíveis e capazes de, combinadas, fornecer um arcabouço teórico coerente e eficiente para melhor descrever e interpretar o uso construcional em foco neste artigo.

Tal possibilidade sinaliza também para a investigação de muitos outros usos do português contemporâneo ainda por serem estudados, seja na mesma norma da língua, seja na comparação com outras normas, como a européia, a americana ou a africana, por exemplo. O campo está aberto a essas novas investigações.

Referências

- Bechara, Evanildo (2004). *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna.
- Buchler, John (ed.) (1940). *The philosophy of Peirce: selected writings*. Nova York: Harcourt and Brace.
- Bybee, Joan (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, B. e Janda, R. (eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel.
- Croft, William (2001). *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Croft, William (1990). *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, Celso & Cintra, Luis F. Lindley. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira da Silva, Alexsandra (2009). *A função indeterminadora de anúncios com o clítico se: uma leitura de construção*. Niterói: UFF. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- Fillmore, Charles J. (1988). *On grammatical constructions*. Califórnia: UCB.
- Furtado da Cunha, Maria Angélica, Oliveira, Mariangela Rios e Martelotta, Mário (org) (2003). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj.
- Givón, Talmy (2001). *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Goldberg, Adele (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Goldberg Adele (1995). *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Gonçalves, Sebastião Carlos Leite et al (2007). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Haspelmath, Martin (2004). On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. IN: Fischer, Olga, Norde, Muriel e Perridon, Harry (org). *Up and down the cline – the nature of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 17-44.
- Heine, Bernd; Kuteva, Tania. (2007). *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press.
- Heine, Bernd (1994). Grammaticalization as an exploratory parameter. In: Pagiuca, W. (Ed.). *Perspectives on gramaticalization: current issues im linguistic theory*. V. 109. Amsterdam: John Benjamins.
- Hopper, Paul; Thompson, Sandra (1980). Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2): 251-299.
- Martelotta, Mario et al. (1996). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- Neves, Maria Helena de Moura (2004). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Posner, Roland. (1997). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Taylor, John R. (1995). *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Traugott, Elizabeth Closs; Dasher, Richard (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Votre, Sebastião Josué; Oliveira, Mariangela Rios de (2001). *Continuidade, variabilidade e mudança na língua portuguesa*. Cadernos de Letras da UFF, n. 21, pp. 121-145.